



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ELISA DE ALMEIDA GONÇALVES

**NICINHA DO SAMBA E A MANUTENÇÃO
DO SAMBA DE RODA NO RECÔNCAVO BAIANO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ELISA DE ALMEIDA GONÇALVES

NICINHA DO SAMBA E A MANUTENÇÃO
DO SAMBA DE RODA NO RECÔNCAVO BAIANO

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr. Elizia Cristina Ferreira

São Francisco do Conde

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

G625n

Gonçalves, Elisa de Almeida.

Nicinha do Samba e a manutenção do samba de roda no Recôncavo Baiano / Elisa de Almeida Gonçalves. - 2018.

35 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira.

1. Dança - Aspectos antropológicos. 2. Recôncavo, BA - História. 3. Samba de roda - Bahia. I. Nicinha, do Samba, 1949 - - Biografia. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 784.1888098142

ELISA DE ALMEIDA GONÇALVES

**NICINHA DO SAMBA E A MANUTENÇÃO
DO SAMBA DE RODA NO RECÔNCAVO BAIANO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 04/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Elizia Cristina Ferreira – Orientadora

Doutora em Filosofia, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Bruno Amaral Andrade – Banca Examinadora

Doutor em Sociologia com ênfase em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Marlon Marcos Vieira Passos – Banca Examinadora

Doutor em Antropologia, pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todas (os) sambadeiras e sambadores do recôncavo baiano; em especial a mestra Nicinha do samba.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me fortalecido ao ponto de superar as dificuldades e também por toda saúde que me deu e que permitiu alcançar esta etapa tão importante da minha vida. Agradeço pela força que colocou no meu coração para lutar até alcançar este grande avanço na minha vida.

A minha mãe Fernanda de Almeida, devo a minha eterna gratidão, por ser a maior incentivadora dos meus sonhos e conquistas, me proporcionando educação, amor e proteção. Aos meus pais, biológico e padrasto (Ari e Tadeu), obrigada por todo apoio.

A minha mestra Dona Nicinha, agradeço sem medidas por toda receptividade, confiança, paciência, colaborações para a realização deste trabalho. Sou muito grata por todos os ensinamentos, e orgulhosa por tudo que a senhora representa para o samba de roda no recôncavo baiano.

A minha orientadora e mestra, Elizia Ferreira, meus agradecimentos por todos os ensinamentos, o empenho, confiança e a convivência maravilhosa, me proporcionando vivências novas e enriquecedoras que me ajudaram a tornar possível este passo tão especial.

Agradeço aos meus familiares (tias, tios, primas e primos) pelos incentivos nas minhas escolhas.

A Ercília, minha vizinha e amiga, obrigada por todo apoio, e por sempre acreditar e contribuir para o meu sucesso.

Agradeço as minhas amigas Jamaira, Leilane, Roseane, Laiza, Jacela, Tailane e Janaina, pessoas com quem amo partilhar a trajetória acadêmica. Com vocês sinto-me mais fortalecida. Obrigada pelo carinho e amizade de todas, a paciência e a capacidade de me trazerem alegria na correria de cada semestre. Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso eu agradeço com todo meu coração.

RESUMO

A relevância deste trabalho reside na abordagem do samba de roda enquanto manifestação popular, dando ênfase ao papel que Dona Nicinha atua nesse contexto, visando elucidar o seu papel e significado histórico na tradição e cultura do samba de roda. Através do samba, Dona Nicinha expõe sua filosofia (jeito de ser) e modo de vida, seus conhecimentos e valores enquanto pertencente à cultura dos saberes popular. As tradições populares devem ser preservadas para que possam ser transmitidas para as próximas gerações como fontes de experiências e mecanismos de estudo, pois a representação dessas tradições vai constituindo uma identidade e cultural de um povo e lugar.

Palavras-chave: Dança - Aspectos antropológicos. Nicinha, do Samba, 1949 - Biografia. Recôncavo (BA) - História. Samba de roda - Bahia.

ABSTRACT

The relevance of this work lies in the approach of samba de roda as a popular manifestation, emphasizing the role played by Dona Nicinha in this context, in order to elucidate its role and historical significance in the tradition and culture of samba de roda. Through the samba, Dona Nicinha exposes its philosophy (way of being) and way of life, its knowledge and values as belonging to the culture of popular knowledge. The popular traditions must be preserved so that they can be transmitted to the next generations as sources of experiences and mechanisms of study, since the representation of these traditions constitutes an identity and cultural of a people and place.

Keywords: Dance - Anthropological Aspects. Nicinha, do Samba, 1949 - Biography. Recôncavo (BA) - History. Samba de roda - Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa do Recôncavo.....	18
Figura 2	Mapa de Santo Amaro.....	20
Figura 3	Nicinha do samba.....	22
Figura 4	Dona Nicinha no Bembé do Mercado.....	25
Figura 5	Movimento dos pés da Dona Nicinha.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ASSEBA - Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

BA - Bahia (Estado da)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO SAMBA DE RODA NO RECÔNCAVO BAIANO	13
2.1	SOBRE O SAMBA DE RODA	15
2.2	O RECÔNCAVO BAIANO	17
2.3	BREVES RELATOS SOBRE SANTO AMARO	19
3	NICINHA DO SAMBA E A MANUTENÇÃO DO SAMBA NO RECÔNCAVO BAIANO	22
3.1	HISTÓRIA DE VIDA DE NICINHA	22
3.2	GRUPO RAÍZES DE SANTO AMARO	26
3.3	DONA NICINHA E SEU MODO PARTICULAR DE SAMBAR	27
3.4	VIVÊNCIAS COM DONA NICINHA	28
4	ASPECTOS FILOSÓFICOS E ESTÉTICOS DO SAMBA DE RODA	30
4.1	“O SAMBA SOU EU E EU SOU O SAMBA”	30
4.2	ORALIDADE E ANCESTRALIDADE	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O interesse nessa pesquisa surgiu mediante a importância da valorização cultural do samba de roda no recôncavo baiano, fazendo uma análise do aprendizado que Nicinha do samba transmite através da sua história de vida e trajetória como sambadeira do Recôncavo baiano. Por meio de entrevistas, trazendo recordações da sua memória e identidade negra na Bahia, marcada por muito sofrimento e resistência, mas que não se deixou perder ao longo do tempo todos os aprendizados, conhecimentos e práticas que simbolizam essa resistência.

O que me motivou na escrita desse trabalho, em linhas gerais, foi a minha grande apreciação pelo samba de roda e, especificamente, utilizando a representação de Nicinha do samba como uma entre as demais sambadeiras e sambadores que prezam e zelam pela manutenção do samba de roda do recôncavo baiano.

Dona Nicinha do samba jamais deixou de demonstrar a sua grande devoção ao samba de roda e todos os frutos e conquistas positivas que essa rica manifestação cultural atribui à sua vida. Com as demais sambadeiras e tocadores do grupo Raízes de Santo Amaro, Nicinha desempenha um papel fundamental para a manutenção da manifestação do samba de roda, com características marcantes e particulares de sambar e semear a sua cultura. Trazendo em consideração a grande relevância em compreender a representação de Nicinha nesse contexto, e ao reconhecer as suas representações, que os debates e práticas sobre o samba de roda no recôncavo sejam cada vez mais fortalecidos. Esse estudo tem o propósito de contribuição com o enriquecimento do caminho traçado por Nicinha. O samba de roda sempre permaneceu em diversos contextos como um elemento constitutivo, formando parte do conceito cultural da baianidade.

Nomeio aqui, Dona Nicinha, como coautora das principais informações desse trabalho, porque ela é a principal fonte da maior parte dos conhecimentos apresentados aqui, por ter uma rica experiência em trocas de conhecimento, pelo costume que a mesma tem em receber os pesquisadores na sua residência, o que de início e em todo decorrer da pesquisa facilitou para a continuidade deste trabalho, da boa relação que é criada com esses pesquisadores que a procura, inclusive a mim, foi uma relação harmoniosa a todo o momento, ela se dedicou inteiramente para revelar todas as informações valiosas da sua trajetória abordadas aqui. Não foi possível trazer todas as informações que eram cabíveis nesse trabalho, por conta da dificuldade que se tem em trabalhar com pessoas envolvidas com a cultura popular,

especificamente, pela Dona Nicinha, por ser muito procurada para entrevistas, apresentações e tais, e por estar envolvida em projetos, que por um período da pesquisa esteve ausente por estar realizando viagens e por questões problemas de saúde.

Dona Nicinha tem uma popularidade fantástica, sempre procurada para participar de eventos, viagens, fazer entrevistas, colaborar com projetos relacionados ao samba de roda, e assim ela vai enriquecendo cada vez mais a sua trajetória, até porque além de repassar as suas experiências de vida e com o samba de roda, ela entra em contatos com outras experiências e isso faz com que aconteça uma troca culturalmente favorecida.

Sempre atenciosa e cuidadosa no que fala e transmite a cada encontro com Dona Nicinha são aulas de humildade, bom humor, sabedoria, lembranças de momentos bons vividos, ao mesmo tempo em que marcada por memórias de acontecimentos ruins tais como, a morte precoce do seu filho Guegueu, o fiel companheiro de Dona Nicinha, ele administrava a agenda do grupo, as parcerias em que a mãe fazia. Guegueu se tornou a fragilidade de Dona Nicinha, sempre em que alguma lembrança remete a ele, ela se emociona de maneira tão profunda.

É belo apreciar a relação que Dona Nicinha tem com seus familiares e amigos. A princípio pela família ela encontra o grande apoio dos seus filhos e noras, além dos seus netos e pelos amigos ela encontra a alegria em partilhar momentos de alegria e troca de experiências.

A trajetória de vida da Dona Nicinha do samba é o tema de interesse deste trabalho de Conclusão de curso. A escolha desse tema é fruto da minha admiração pessoal e desejo em materializar essa trajetória de vida tão rica culturalmente enquanto mulher de lutas e resistências, conterrânea de Santo Amaro e pertence ao samba de roda do recôncavo. O samba, de modo geral, é considerado um ritmo musical, originado dos batuques africanos trazidos para as terras brasileiras através dos negros que foram escravizados no período da colonização. Lopes (2005) apresenta que o samba de roda tem origem baiana, especificamente do Recôncavo foi levado para o Rio de Janeiro, no início do século XX. A formação da roda é o princípio do samba, além do canto e dança.

Sendo assim, acredita-se que a relevância deste trabalho reside justamente na abordagem dessa manifestação popular, dando ênfase ao papel que Dona Nicinha atua nesse contexto, visando elucidar o seu papel e significado histórico na tradição dessa cultura do samba. A familiaridade com o objeto da pesquisa resultou numa aproximação facilitadora para o

desenvolvimento do trabalho. Foi realizada uma abordagem sócio-histórica do samba de roda no recôncavo baiano através de bibliografias diversas sobre o tema.

Metodologicamente, a pesquisa se concentrou na observação participante, que se caracterizou pela inserção do (a) pesquisador (a) no contexto observado. Enquanto técnica de investigação social, a observação participante permite a análise de determinados momentos tais como, atividades, apresentações, ocasiões cotidianas, entre outras a fim de realizar um estudo aprofundando. No período de quatro meses, no trabalho de campo foram realizadas observações participantes, além de entrevistas e conversas com Dona Nicinha que foram realizadas quinzenalmente. Quanto à pesquisa bibliográfica sobre o samba de roda, foram utilizadas referências de autores que foram considerados mais relevantes para a pesquisa, tais como Katharina Doring, Nina Graeff, Muniz Sodré, além das contribuições de outros (as) autores (as) acadêmicos (as).

Após as colocações feitas acima, enfim pode ser indicada a distribuição do presente trabalho que foi organizado e sintetizado em três capítulos. O capítulo I, intitulado “Contexto histórico-social do samba de roda no Recôncavo Baiano”, apresenta alguns aspectos do contexto histórico e social, a trajetória e características do samba de roda no Recôncavo Baiano, buscando uma compreensão ampla, não na complexidade dessa manifestação cultural, mas sim trazendo breves elementos do seu contexto histórico. Foi constituído com intuito de abordar breves características sobre o samba de roda no recôncavo baiano. Em seguida foi feito um apanhado histórico sobre o recôncavo e Santo Amaro, cidade centro do samba e de Dona Nicinha.

No capítulo II intitulado “Nicinha do samba e manutenção do samba de roda no Recôncavo Baiano” foi aberto um espaço para as histórias vivenciadas na pesquisa de campo, buscando dar ênfase nas falas da Dona Nicinha, pois não existe pessoa melhor que ela pra contar a sua trajetória. Dona Nicinha nessa parte nos conta algumas das memórias e passagens da sua vida.

No capítulo III intitulado “Aspectos filosóficos e estéticos do Samba de Roda” foi realizada uma abordagem da corporeidade, dos gestos de Dona Nicinha enquanto pertencente ao samba de roda, através dos elementos filosóficos presentes em sua trajetória, expondo sua filosofia, modo de vida, conhecimentos e valores enquanto pertencente à cultura dos saberes popular.

2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO SAMBA DE RODA NO RECÔNCAVO BAIANO

No recôncavo da Bahia, sambar é comemorar através do corpo a própria memória e identidade (GRAEFF, 2013, p.16).

2.1 SOBRE O SAMBA DE RODA

Dona Nicinha, minha referência primeira, em todo nosso convívio, nunca definiu o que é samba. Trago aqui algumas narrativas para apresentar essa manifestação cultural para quem ler esse texto e nunca tiver entrado numa roda. O samba de roda é uma combinação entre canto, dança e poesia. Surgiu no Recôncavo, região do estado da Bahia originado das tradições e danças dos africanos escravizados que foram trazidos para essa região. No *Dossiê do Samba de roda* (2006) consta que a predominância negra resguardou as práticas culturais que confirmam experiências das populações africanas no Brasil¹. Além disso, essa manifestação cultural conta também com a influência da cultura portuguesa através da linguagem, dos versos e poesias, e de alguns instrumentos musicais, como por exemplo, a viola.

O samba de roda congrega pessoas em algumas ocasiões, sendo elas espontâneas ou específicas tais como em festas religiosas ou profanas.

A roda de samba não celebra uma data específica ou um acontecimento específico, porém não deixa de ser um rito. Nela se expressa valores, costumes, símbolos da comunidade advindos de escravos africanos, indígenas e de senhores portugueses (GRAEFF, 2013, p. 16).

A característica fundamental do samba do Recôncavo é a formação da roda, agrupamento das pessoas em círculo. Entre a variedade de estilos de samba, os considerados principais são: samba chula e o samba corrido. Entre essas categorias do samba de roda, existem lógicas que compõem cada tipo, no samba chula as mulheres dançam na roda, enquanto o homem assume o papel de tocadores e cantadores da chula. Dona Fiita, sambadeira de Teodoro Sampaio através da sua fala demonstra que também existiu a presença de vozes femininas no canto da chula, ainda que, segundo ela, apenas no coro:

¹ *Dossiê do samba de roda* – IPHAN, 2006.

O sambador tem por obrigação cantar o samba, e as mulheres ficam na parte do relativo [...]. Porque o homem cantando o samba e o relativo, não sai! Então as mulheres cantando o relativo, o samba fica mais organizado e bonito².

No samba corrido é permitida a presença de mulheres e homens na roda dançando simultaneamente. A coreografia comum e frequente entre esses variados estilos de samba está baseada nos movimentos dos pés e o requebrado dos quadris. A umbigada, de influência bantu³ é um dos movimentos mais característico do samba de roda, no qual a pessoa que está dançando convida outra para sucedê-la na roda. Existem diversos detalhes que compõe e caracteriza o samba de roda, tais como os estilos de sambar, as canções típicas, e os instrumentos utilizados.

Como em toda a história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objeto de frequentes perseguições policiais ou de antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, poucos vulneráveis (SODRÉ, 1998, pp. 14-15).

Apesar do samba de roda agregar ricos valores culturais, foi por um determinado tempo considerado sem valor social por ser de origem negra, enfrentava perseguição policial e rejeição da sociedade elitizada. Os perseguidores viam no samba de roda uma imoralidade trazendo uma imagem distorcida dessa manifestação cultural, enfim, atos racistas praticados contra os negros.

Nos relatos dos viajantes as descrições também não temem palavras fortes para denunciar o suposto caráter “lascivo” e “imoral” das danças negras que geralmente são tidas como contrárias a qualquer sentido de estética, obviamente a partir do olhar etnocêntrico da estética ocidental (DORING, 2016, p. 34).

Conclui-se que o samba de roda, é mais que uma dança, um ritmo musical e sim um estilo de vida para aqueles que se dedicam a estar em função desta manifestação. O samba de roda se conecta com a tri-unidade banto “*batucar-dançar-cantar*” pensada por Fu-Kiau⁴, como uma das maneiras pela qual a herança africana se manifesta no modo vida do recôncavo:

Ao considerar a junção das artes corporais às musicais e sobretudo, acrescido do uso do canto como algo simultâneo e, percebido como uma unidade dentro da performance africana, Fu-Kiau destaca um dispositivo que, sem dúvida, continua sendo característico das performances da diáspora Africana nas Américas – “não é possível existir performance negra na África sem este poderoso trio”, e o mesmo é aplicável em relação às performances afro-brasileiras. (LIGIERO, 2011, p. 3-4)

² Dilma F. Alves Santana (Fiita), Teodoro Sampaio – Dossiê do samba de roda, IPHAN, 2006.

³ “O nome genérico banto foi dado por W.H. Bleck em 1860 a um grupo de cerca de 2.000 línguas africanas que estudou” é, portanto, uma designação linguística e nela “estão compreendidos praticamente todos os grupos étnicos negro-africanos de centro, do sul e do leste do continente que apresentam características linguísticas comuns e um modo de vida determinado por atividades afins” (LOPES, 2011, p. 97).

⁴ Fu-Kiau, pensador bacongo contemporâneo.

2.2 O RECÔNCAVO BAIANO

Para compreender o samba de roda do Recôncavo Baiano é preciso resgatar seu contexto histórico e geográfico. A história do samba de roda do Recôncavo deve ser compreendida desde as suas origens africanas até às trocas culturais presentes na região do Recôncavo Baiano, lugar de maior fluxo de negros africanos escravizados no Brasil.

O Recôncavo baiano encontra-se popularmente reconhecido por ser a região que contorna a *Baía de Todos os Santos*⁵. Formado a partir do trabalho escravo para a agroindústria açucareira, a região do Recôncavo foi o grande pioneiro na produção da cana de açúcar, da cachaça e dos fumos. Considerado como uma das áreas produtivas mais antigas do Brasil, a formação do Recôncavo ocorreu ainda na época da distribuição das capitanias hereditárias.

O Recôncavo foi um variante territorial ao longo dos séculos, região onde é perceptível a carga histórica marcada pelo período da escravatura e pelo período pós-abolicionista. Doring (2016, p. 49) observou que, o recôncavo baiano fundamentou e continua alimentando as práticas, os mitos, os valores e saberes da cultura afro-baiana. Mesmo com todos os aspectos negativos desse contexto histórico do recôncavo, os saberes da cultura negra não foram perdidos, e sim, sendo recuperado, mantido, lapidado ao longo do tempo. Passando por um processo evolutivo, na metade do século XX, com a chegada de novos meios econômicos, o Recôncavo adquiriu como formas de produção e fontes econômicas, a descoberta do petróleo e do processo de industrialização. Mesmo com essa atualização, as práticas antigas tais como a pesca, produção de tabaco entre outras não foram extintas, e sim consumidas pelos novos meios de produções econômicas.

⁵ A Baía de Todos os Santos é uma reentrância da costa litorânea brasileira localizada no estado da Bahia.

Figura 1 - Mapa do Recôncavo Baiano



Fonte: Projeto Ativa Recôncavo (2010).

Segundo (ORMINDO, 2011, p. 213), “a última definição do Recôncavo foi dada com o Plano Plurianual 2008-2011 do governo do Estado da Bahia, que identificou 26 territórios de identidade”. Todas as cidades do Recôncavo apresentam traços semelhantes, sejam nos aspectos históricos, geográficos e culturais. Os 26 municípios pertencentes à região do recôncavo são: Cachoeira, Cruz das Almas, São Felix, Conceição do Almeida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, Salinas das Margaridas, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba, Maragogipe, Saubara, Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Laje, Teodoro Sampaio, Candeias, Simões Filho, Salvador, São Sebastião do Passé e São Francisco do Conde.

O Recôncavo baiano em algumas fontes consultadas se apresenta como berço do samba de roda, para Reis (2002) ⁶, lugar onde foram encontrados os primeiros registros dessa manifestação, porém o ritmo foi se espalhando por outras regiões do Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro e Pernambuco.

⁶ REIS, João José. “Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX” em Maria Clemente Pereira Cunha (org.): Carnavais e outras F(r)estas – ensaios de historia social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

Posteriormente com a valorização do samba, o samba de roda do Recôncavo ganhou reconhecimento internacional. Foi inscrito no livro de registros das Formas de Expressão pelo IPHAN em 2004. E em 2005 foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. No dia 25 de novembro é comemorado o Dia do Samba de Roda, pois nesta data, no ano de 2005, a UNESCO concedeu o título, citado acima, ao samba de roda do recôncavo. Sodré interpreta essa civilização do samba de roda, através do método de continuidade das tradições populares:

Com a crioulização ou mestiçamento dos costumes, tornaram-se menos ostensivos os batuques obrigando os negros a novas táticas de preservação e de continuidade de suas manifestações culturais (SODRÉ, 1979, p. 13).

2.3 BREVES RELATOS SOBRE SANTO AMARO

*Salve o Recôncavo, Salve Santo Amaro, Salve o samba de roda, Salve Nicinha do samba, Salve todas as sambadeiras e sambadores!*⁷

Santo Amaro ou (Santo Amaro da Purificação), localizada no Recôncavo Baiano, encontra-se atualmente com uma população de aproximadamente 61.961 habitantes⁸. Inaugurada como município em 1769, Santo Amaro já era vila desde 1727. Participou ativamente em resistências e movimentos políticos no Brasil tais como a Revolução dos Alfaiates e Sabinada, colaborando com a independência da Bahia e do Brasil sendo fornecedora de soldados e suprimentos. A economia santo-amarense esteve vinculada por um período a produção da cana-de-açúcar, portanto, Santo Amaro foi um forte produtor açucareiro do recôncavo, logo em seguida no final do século XX, novos meios econômicos foram implantados, tais como a produção de cacau, bambu e dendê, além das indústrias metalúrgicas, açucareiras, papelarias e de óleo vegetais, mas o nível industrial não se manteve.

Na cidade de Santo Amaro é possível perceber a influência cultural e a presença de negros descendentes dos africanos escravizados. Sua imagem se configura através das suas terras férteis, do solo massapé. Devido a grande produção e comércio de cachaça, cana de açúcar e do fumo, Santo Amaro e cidades circunvizinhas tornaram-se grande fluxo cultural onde floresceu práticas de identidades da cultura popular afro-brasileira. De acordo com Schwartz,

⁷ Saudação pessoal!

⁸ Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Santo Amaro da Purificação é umas das cidades mais importantes, tendo sido, junto com São Francisco do Conde, 'o coração do Recôncavo açucareiro e o berço da sociedade dos engenhos (SCHWARTZ apud GRAEFF, 2015, p.22). Caracteriza-se por ser uma cidade histórica e rica culturalmente com uma ampla variedade de manifestações, tais como as variantes do samba de roda, o maculelê, o lindro-amor, o nego fugido, terno de Reis, afoxés entre outras.

Figura 2 - Mapa de Santo Amaro



Fonte: Google Maps

Em meio às pesquisas, foi notável perceber que Santo Amaro iniciou e permanece como centro gerador das variantes do samba tradicional do recôncavo. Lugar onde foi instalada a matriz das Casas do Samba da região do recôncavo, além de ser sede da ASSEBA, que é responsável pela realização dos projetos envolvendo o samba de roda no recôncavo baiano.

O recôncavo baiano é um território diaspórico, com uma repleta variedade cultural e artística. O samba de roda nesse contexto traz elementos constitutivos que são rememorados através dos acontecimentos passados, desde a época da escravidão, passando pelo período da colonização até os tempos atuais. A experiência com o samba de roda permite um resgate ancestral dos povos negros, aqui trazidos para o Brasil com finalidade serem utilizados como mão-de-obra, que mesmo com toda desumanização a qual foram impostos, não deixaram que fosse partido todos os seus princípios históricos, sociais e culturais. Essa manifestação cultural tem forte presença no Recôncavo

O estudo/vivência do samba de roda, enquanto elemento fundamental na vida de Dona Nicinha, permitiu um despertar em relação aos caminhos percorridos por esse corpo, marcado por luta e resistência, originalidade ao modo de ser e ver o mundo. Aqui (neste trabalho) será

pensado, o samba de roda como um modo de representação da Dona Nicinha enquanto mulher negra, sambadeira e pertencente à cultura popular brasileira.

3 NICINHA DO SAMBA E A MANUTENÇÃO DO SAMBA NO RECÔNCAVO BAIANO

Diante dessa trajetória histórica e presença criativa, torna-se urgente o uso e a construção de metodologias que incluem os valores da sensibilidade humana, lembrando que o imaginário e as representações culturais negras pareciam jazer no inconsciente coletivo, e que em poucas décadas foram trazidos para a luz da ciência e da consciência do coletivo local (DORING, 2016, p. 11).

3.1 HISTÓRIA DE VIDA DE NICINHA

Maria Eunice Martins Luz, conhecida como Nicinha, nascida em 17 de outubro de 1949, nasceu e reside na cidade de Santo Amaro-Ba, filha de Maria de Jesus Assis e Antônio Martins. A relação que Nicinha possui com sua própria história de vida mistura-se com sua identidade e isso transforma suas referências em sua história pessoal. Dona Nicinha trabalhava desde sua infância, ajudando a sua mãe na pesca, a catar mariscos no mangue para vender, lavava roupas de ganho e vendia frutas nas feiras da região do Recôncavo. Por conta da pobreza vivida, sua vida é baseada na simplicidade, no acolhimento ao adentrar a sua vida e na confiança em relatar a sua própria história. Entre a cidade de Santo Amaro e outras circunvizinhas, circula pelas rodas de capoeira, maculelê e de samba de roda.

Figura 3 - Nicinha do Samba



Fonte: Cartilha do Samba Chula⁹

⁹ Trabalho da pesquisadora alemã Katharina Doring traz farto material sobre os mestres do samba chula, apesar de Nicinha praticar o samba corrido, também foi inclusa na cartilha.

Dona Nicinha, uma representação importante da história de Santo Amaro e do samba de roda do Recôncavo Baiano teve e tem oportunidades em semear seu samba de roda em diversos lugares tanto no Brasil como no exterior. Nora de Mestre Popó (*in memoriam*), famoso na região porque resgatou e imortalizou o Maculelê e esposa do Mestre Vavá (*in memoriam*) capoeirista. Dona Nicinha introduziu o samba de roda nesse contexto de capoeira e maculelê fundando o *Grupo Raízes de Santo Amaro*, sendo a matriarca responsável por sua manutenção. Sempre contou com o apoio dos seus familiares e amigos nessa trajetória com o samba, junto com seus três filhos Cau, Guegueu (*in memoriam*), Valmir e também de suas noras, além da importante amizade que ela construiu com a professora Maria Mutti¹⁰, historiadora de Santo Amaro, quem Dona Nicinha coloca como a grande colaboradora para formação do grupo Raízes de Santo Amaro.

Pela professora Maria Mutti, Dona Nicinha tem um sentimento especial de gratidão. Assim disse Dona Nicinha: “*Ela que me deu tambor, me deu pandeiro pra eu fazer meu samba, foi ela que me pôs nessa vida do samba, que meu marido Vavá fazia maculelê e samba, ela aí: ‘Vavá você vai fazer o maculelê e Nicinha vai fazer o samba’.*”. Com suas influências, seu modo de vida e suas danças, o samba de roda de Dona Nicinha misturar-se entre o dançar e cantar.

Dona Nicinha nos conta que aprendeu a sambar em rezas de Santo Antônio, caruru de São Cosme, de Santa Bárbara, feito por suas avós e mãe que eram muito devotas aos santos. Quando criança colocava um presépio (ou lapinha), fazia figurinhas de barro, sua casa era de taipa, por conta disso forrava com jornais e revistas, com palhas de são gonçálinho, samambaia, pitanga entre outras folhas que eram pegadas no mato. Essas ornamentações eram feitas nas vésperas do Natal e quando chegavam às vésperas do ano novo eram retiradas todas as folhas secas da casa, para quando chegasse o dia de queimar essas lapinhas, cantavam o Reis depois era samba.

A gente aprendeu a sambar foi isso, ninguém ensinou a sambar. Os meninos naquela época, que tinha a minha idade com 8, 9 anos faziam tamborzinho tudo de plástico, eles batiam e a gente sambando (Dona Nicinha).

¹⁰ Maria da Purificação de Souza Mutti (Santo Amaro). Iniciou a sua vida estudantil com o curso de professora primária na cidade de Santo Amaro, seguido de bacharelado em Teatro pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e pós-graduação em Recursos Humanos pela Escola de Administração da UFBA. Disponível em << <https://redescobrindoraizes.blogspot.com.br/2017/03/perfil-maria-mutti.html>>> Acessado em 19/05/2018.

Em 1967, professora Zilda Paim¹¹ (*in memoriam*) era diretora da Escola Prado Valadares (Santo Amaro), nesse período formou um grupo de maculelê e samba de roda, Dona Nicinha fez parte desse grupo. Em 1969, Dona Nicinha foi morar com Vavá, e como ela sempre fala “*ai juntou a vontade com desejo*”, em seguida formaram o grupo Raízes de Santo Amaro, Professora Maria Mutti é a madrinha do grupo, foi ela quem escolheu o nome do grupo, deu as roupas e os instrumentos, “*se não fosse por Maria Mutti hoje em dia não teria samba em Santo Amaro, porque essa mulher é importante, foi discípula de Popó, aprendeu maculelê e de 1978 pra cá foi só alegria... essa mulher é uma fada pra mim, um anjo que do céu e me abraçou*”.

O grupo percorre vários lugares, da Bahia para o mundo, entre os estados e cidades brasileiras foram citadas Brasília, Rio de Janeiro, Recife, Maceió, Curitiba, São Paulo e fora do Brasil Dona Nicinha e o grupo esteve na França (aproximadamente umas 15 vezes), Alemanha, Suíça, Londres, Itália, Dakar, Dinamarca, Estados Unidos, Portugal, entre outros. No estado da Bahia, em especial, o grupo percorreu quase todas as cidades.

Dona Nicinha faz uma comparação entre o passado e o presente, relatando que hoje em dia pode se dizer que vive em tempos de luxo, pois já tem água encanada, luz elétrica, e antigamente a iluminação era através de candieiros, sua casa era de taipa, de sapê, as vestimentas eram feitas de chitão¹², “*Hoje nós estamos no céu, nós sambava por amor, era a noite toda sambando, naquela época não tinha pagamento, mas hoje em dia tem*”. Ela fez varias participações em shows, dvd’s de cantores, indo sozinha ou acompanhada do grupo.

Como o maculelê e capoeira sempre esteve interligado com a trajetória de Dona Nicinha, ela nos conta relatos de suas práticas com o maculelê e capoeira:

Hoje em dia o maculelê está como se fosse o samba de roda, todo lugar tem, cada qual tem seu estilo de pular o maculelê. Em Santo Amaro tem vários maculelê, antigamente só tinha um. Já pratiquei muita capoeira, o pai dos meus filhos era mestre de capoeira angola, ah como eu pulava! Naquele tempo eu estava nova, mas hoje não. Eu gosto mais da angola que o jogo é mais lento, o jogo é mais rasteiro, a regional é mais violenta, a angola é só na maldade, só naquele joguinho, na capoeira angola você pula com a roupa branca e não suja a roupa. *Oh Santo Amaro é minha terra, Santo Amaro é minha terra, terra onde eu nasci.*

Dona Nicinha participa do Bembé do Mercado há mais de 60 anos, “*eu comecei pequena e já vou fazer 70 anos de idade, então...*”. O bembé do mercado comemora a libertação dos negros

¹¹ Zilda Paim, professora e folclorista santo-amarense.

¹² Chitão ou Chita é um tecido de algodão barato e antigamente de pouca qualidade, com estampas de cores fortes, geralmente florais, e tramas simples.

escravizados, sendo realizado no dia 13 de maio no mercado municipal (feira livre) de Santo Amaro, tendo manifestações culturais variadas, tais como o samba, capoeira e o maculelê.

Figura 4 - Dona Nicinha no Bembé do Mercado (2018)



Foto: Henrique Souza

Em meio a perguntas para tentar compreender o que é o samba de roda através da Dona Nicinha, ela traz relatos da sua experiência com o samba:

O que eu entendo por samba de roda, o samba de roda pra mim é assim, se por acaso tiver uns tocadores tocando os instrumentos (viola, tambor, pandeiro e marcação), se um deles tocar errado eu conheço logo, já tem alguma coisa errada, então a mulher quando é sambadeira do samba amarrado, quando a viola chama tem que ir atender, quando o pandeiro chama tem que ir atender, porque você tem que sambar no ritmo dos instrumentos. Eu não sei sambar, eu vou amassando o barro pra não tapar as casas com caroço.

Sobre a importância em valorizar o samba de roda no recôncavo, ela se sente maravilhada, como se tivesse ganhado uma sorte grande, ainda expressa que não só ela, mas como outros grupos também, pois nos tempos passados se procurava um grupo de samba de roda e não encontrava, *“hoje uma topada que você dá é grupo, todo mundo tem seus grupos, é bom que não deixa a cultura morrer, ai passa de geração para geração”*.

Dona Nicinha conta com algumas parcerias que fez ao longo da sua trajetória, tal como Tiago de Oliveira Pinto, Katharina Doring, Nina Graeff e Luciana Barreto, pessoas que ela sempre menciona no seu cotidiano. Por Tiago ela mantém uma relação muito especial:

Eu conheci Tiago em 1982, lá em Berlim, na Alemanha, ela ainda era estudante, e pesquisava o samba de roda, a cultura lhe rendeu bons frutos que ele já foi até secretário da cultura lá em Berlim, ali eu tenho como filho, uma pessoa que posso contar sempre.

Luciana Barreto, representando a ASSEBA contribui bastante para a continuação do samba de roda do recôncavo, Dona Nicinha é muito grata pelos trabalhos que ela realiza, não só Luciana, como as outras pessoas que permeiam positivamente a vida dela:

Sou muito grata à rede de sambadeiras e sambadores do recôncavo, não tenho palavras, só sei agradecer, se eu tenho um barraco foi o samba que me deu, tudo que eu tenho hoje foi o samba que me deu, fui pra Alemanha, Tiago que me levou comprei o meu barraco, porque quando a gente viaja recebe dinheiro, mas é tudo dividido, porque nós nunca tem preço, mas o preço que chega é bem vindo e chega na hora certa, porque ninguém em grupo de samba é rico, todo mundo é pé no chão, de pingo em pingo faz goteira, só não pode é secar.

3.2 GRUPO RAÍZES DE SANTO AMARO

Porque a gente já sambava em caruru de São Cosme, em caruru de São Roque, da Lapinha [...], Quando fui morar com Vavá ai juntou vontade com desejo (Dona Nicinha).

O grupo Raízes de Santo Amaro possui 16 integrantes. Sendo eles, os tocadores, Valmir, Primeiro, Etelvino, Escovão, Roque, Damião, Rone, Tiago, e as sambadeiras, Dona Nicinha, Marinalva, Nonó, Edinha, Zélia, Dandara, Gabriela e Alice. Estes citados acima são os componentes fixos, embora o grupo conte com a colaboração de outros tocadores, pois, nem sempre os tocadores fixos tem disponibilidade em estar na maioria das apresentações, então há necessidade de convocar outros temporariamente. As sambadeiras são senhoras negras vestidas com roupas ao estilo das baianas do candomblé e os tocadores vestidos com roupas brancas. O grupo Raízes de Santo Amaro foi fundado em 23 de junho de 1978, possui registro pelo CNPJ¹³ por exercer atividades remuneradas. No período da formação, Dona Nicinha já era casada e tinha filhos. Em 1982 foi realizada a primeira viagem do grupo para fora do Brasil.

¹³ É um cadastro onde todas as pessoas jurídicas e as equiparadas (pessoas físicas que exploram em nome individual atividades com intuito de lucro) são obrigadas a se inscrever antes de iniciar das suas atividades. <<https://www.significados.com.br/cnpj/>>

O motivo expressado por Dona Nicinha pela escolha da vestimenta surgiu a partir de um convite feito para o grupo *Raízes de Santo Amaro* apresentar na Praça da Purificação¹⁴, no dia 2 de fevereiro. Por falta de roupas e recursos financeiros, Dona Nicinha conta que se desesperou ao perceber que não tinha roupas apresentáveis para o grupo, e foi pedido que o grupo utiliza-se roupas brancas, ela teve a ideia de pedir emprestadas as roupas das baianas de candomblé e yalorixás¹⁵ para apresentar, então essas vestimentas se tornaram características do grupo *Raízes de Santo Amaro*. Dona Nicinha e suas sambadeiras são fundamentais para a manutenção do samba de roda, preservando de modo particular essa manifestação cultural secular.

O estilo praticado pelo grupo *Raízes de Santo Amaro* é o samba corrido. As sambadeiras como de costume se organizam através da umbigada. Após cada uma sambadeira ter sambado, é feito um convite para o público sambar dentro da roda, e ter essa experiência em samba. Aos que já tem uma aproximação mais íntima com uma roda de sambar, é evidente notar a despojamento ao estarem na roda, às pessoas já se expressam com movimentos mais soltos e confiantes, já as pessoas que tem pouca aproximação com a roda, samba de maneira mais tímida, sem muitos gestos.

3.3 DONA NICINHA E SEU MODO PARTICULAR DE SAMBAR

Nicinha do samba se expressa sabiamente através das suas pisadas miudinhas dos pés, ela samba, roda e corre a roda com seus passos miudinhos, demonstrando uma delicadeza ao sambar, caracterizando o seu jeito particular. Ela possui um gingado da cabeça aos pés capaz de causar fissura aos que assistem essa rica raiz de sabedoria e leveza. O modo como cada pessoa samba tem mais a ver como seus sentimentos e expressões corporais do que uma representação como uma dança performática.

Katharina Doring, etnomusicóloga, pesquisadora do(s) samba(s) do recôncavo descreve as características específicas do passo miudinho:

O passo miudinho é um deslizar constante e quase colado ao chão, que consiste num leve sapatear ou arrastar dos pés para frente e para traz, movimentando os quadris da cintura para baixo, enquanto da cintura pra cima, o corpo da sambadeira permanece bastante imóvel, mas permite gestos e impulsos que podem partir dos ombros e

¹⁴ Localizada na cidade de Santo Amaro/BA.

¹⁵ Popularmente conhecidas como Mães de Santo.

braços, das costas e da cintura, às vezes imitando ou recriando movimentos de orixás e caboclos (DORING, 2016, p. 32).

No samba corrido, categoria onde não se limita as regras, fica livre a entrada de homens e mulheres na roda, é comum observar que pode entrar até mais de duas pessoas na roda. Numa roda de samba se comparada a uma roda de capoeira, existe uma semelhança na “compra de jogo”, onde tanto uma mulher ou homem quer disputar por alguém que permanece sambando na roda. Não existe uma forma correta de ensinar a sambar, nem de sambar, pois o samba de roda só é aprendido através das sensações dos movimentos, faz se necessário que a pessoa entre na roda e se permita sentir os toques, perceber o jeito que os pés se movimentam e como o seu próprio corpo reage a esses estímulos.

“Cada qual tem sua história diferente, tem o seu estilo de sambar, então vamos respeitar todo mundo”. Dona Nicinha nos ensina que não se deve haver julgamento na maneira como cada pessoa samba, pois cada pessoa tem uma percepção, uma trajetória diferente, então não tem porque a pessoa dançar como outra(s) já que no samba de roda não existe passos performáticos, coreografados e permanentes para sambar.

3.4 VIVÊNCIAS COM DONA NICINHA

O samba, entretanto, é muito mais do que uma peça de espetáculo, com mal definidas compensações financeiras. O samba é o meio e o lugar de uma troca social, de expressões de opiniões, fantasias e frustrações, de continuidade de uma fala (negra) que resiste à sua expropriação cultural (SODRÉ, 1998, p. 59).

Nesse espaço serão explanadas algumas (poucas) das variadas vivências que Dona Nicinha tem na sua trajetória. Percepções entre o sambar, o contato com os públicos, comunidades entre outras demandas envolvidas nesse simultâneo e constante processo.

Dona Nicinha em meio às entrevistas demonstra contentamentos e insatisfações em relação ao público que se dispõe a prestigiar o samba de roda. Foi possível perceber que apesar de não ter o reconhecimento e apoio esperado da parte de Santo Amaro (corpo político e moradores) ela não deixa de engrandecer a cidade.

Se aqui (Santo Amaro) o povo abraça, lá fora sou tratada como rainha, não que os daqui não abrace nós, porque é muito brasileiro fora do Brasil e quando a gente

chega eles ficam tudo doido, querer dançar, ter o nosso calor humano (Dona Nicinha).

O que pôde ser observado é o reconhecimento das pessoas de outras regiões para estarem prestigiando essas manifestações culturais, mas os próprios santo-amarenses deixam a desejar nesse quesito, pois não apreciam quando ocorrem essas apresentações. Inúmeros são os momentos em que podem ser percebidos essa falta de reconhecimentos dos conterrâneos para com as pratas da casa. Dona Nicinha questionou o motivo pela qual as pessoas de outros lugares, tanto do Brasil como de outros países a procuram:

Katharina e Tiago vieram da Alemanha estudar aqui, porque os brasileiros não fazem, quando os outros fazem fica falando, é brincadeira. O pessoal estuda fora porque não acha apoio aqui, agora mesmo já está uma aglomeração por causa do 13 de maio, povo de São Paulo, de Brasília, Rio de Janeiro e Pernambuco, tudo querendo saber que dia é o samba, porque querem que eu vá pra lá.

Dona Nicinha se mantém sempre receptiva a todas as pessoas que a procurava para conversar. Em relação aos projetos de *salvaguarda*¹⁶, Dona Nicinha mantém um bom elo com a ASSEBA, dentre outros órgãos que buscam promover a manutenção do samba de roda.

Com as demais sambadeiras de maior referência do recôncavo baiano, Dona Nicinha compõem um grupo de 16 mestras do samba de roda, e que originou o documentário “Mulheres do samba de roda”¹⁷ e o projeto “Circulando com as *Mulheres do Samba de Roda*”. Foram selecionadas de 15 localidades baianas, sendo elas, (Santo Amaro, Acupe, Saubara, Bom Jesus dos Pobres, São Francisco do Conde, Cachoeira, Cruz das Almas, Conceição do Almeida, Feira de Santana, Teodoro Sampaio, Camaçari, Ilha de Vera Cruz, Iará, Maragojipe, Simões Filhos).

São marisqueiras, agricultoras, comerciantes. Mulheres que imprimiram sua marca na estética e na política da cultura popular do recôncavo, por meio do samba e de manifestações culturais como os ternos de reis, terno do acarajé, cheganças, maculelê, capoeira, ranchos, candomblé entre outras¹⁸.

¹⁶ Meios de proteção e garantia concedidas por autoridade ou instituição.

¹⁷ Para a coordenadora do projeto, Luciana Barreto, a circulação desses conhecimentos das sambadeiras, permite o aprendizado das práticas e saberes populares de matriz africana. O projeto possui parceria cultural com a Rede do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, a ASSEBA e Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, além de contar com o apoio financeiro, do Governo do Estado da Bahia, através do Fundo de Cultura, a secretaria da Fazenda e a secretaria da Cultura do Estado da Bahia.

¹⁸ Disponível em <<http://www.cultura.ba.gov.br/2017/08/14234/Fundo-de-Cultura-apoia-projeto-de-circulacao-das-Mulheres-do-Samba-de-Roda.html>>

4 ASPECTOS FILOSÓFICOS E ESTÉTICOS DO SAMBA DE RODA

Este trabalho foi concebido com um propósito: analisar a trajetória de Dona Nicinha enquanto sambadeira do(s) samba(s) do Recôncavo, que através da dessa manifestação cultural expõe sua filosofia (jeito de ser) e modo de vida, seus conhecimentos e valores enquanto pertencente à cultura do saberes popular.

Quando se pensa em expressividade e gestualidade aqui, deve ser entendidas como as formas *expressões corporais*¹⁹. E como pode um corpo expressar-se? Dona Nicinha expõe a sua expressividade e gestualidade nesses movimentos sutis, como o corpo que se articula de forma leve sem fazer esforços, trazendo impressões de que esteja flutuando por conta de tanta leveza e nas rodadas (da vida e do samba) que caracterizam mistérios que não podem ser revelados, mas apenas apreciados.

Figura 5 - Movimento dos pés da Dona Nicinha



Foto: Elizia Cristina Ferreira

4.1 “O SAMBA SOU EU E EU SOU O SAMBA”

Aqui será feita uma reflexão sobre o pertencimento de Dona Nicinha ao samba de roda. Para Sodré, “A dança, rito e ritmo, territorializa sacralmente o corpo do individuo, realimentando-lhe a força cósmica, isto é, o poder de pertencimento a uma totalidade integrada” (SODRÉ

¹⁹ Ou modo como o corpo se expressa.

apud PETIT, p. 84). Ou seja, a dança vista nesta perspectiva é considerada como renovadora de energias.

O movimento, particularmente a dança, aproxima o corpo a Deus. Sendo o nosso corpo um altar sagrado da criação, é preciso dançar para receber a divindade na forma de energia da natureza, é essa energia que estabelece a necessária comunicação. A dança ritualiza o natural e realiza, junto com a musicalidade dos instrumentos e da voz, o encantamento da vida (PETIT, p.73).

Sobre os aspectos estéticos, Dona Nicinha possui uma fusão entre arte e vida e faz com que o samba de roda enquanto cultura popular seja uma manifestação artística, mas que se configura como uma forma de arte totalmente oposta a que conhecemos que se contrapõe a noção de arte clássica da elite ocidental, pois não são artes estáticas e sim artes que estão imbricadas com a vida, os movimentos, sobre estar no mundo e mostrar o que sabe fazer de melhor.

Eis a ambiguidade do ser no mundo: encarnado (literalmente) em seu corpo, tal ser está situado neste mundo ao mesmo tempo em que se pode simplesmente obliterar sua existência biológica. Aí reside sua liberdade: ele pode instanciar um mundo de sentido, o mundo da cultura, que, por sua vez, ultrapassa a mera objetividade da relação corpo (objetivo) e o mundo. Não se fala mais do sujeito que possui um corpo, mas sim, de um sujeito que é o corpo. Dessa forma, esse sujeito encarnado institui as relações mais abstratas com os demais, instancia regras, produz arte, vive num mundo simbolicamente estruturado, e assim por diante. Em contrapartida, a existência biológica (corpo objetivo) engrena a humana (corpo habitual), sendo preciso se alimentar e respirar antes de perceber, isto é, antes de ter acesso a vida das relações humanas (FERREIRA, p. 235).

Dona Nicinha sempre nos diz; “*o samba sou, e eu sou o samba*”, portanto é aberto aqui um questionamento, o que é ser do samba? Até pelo próprio nome (apelido), no qual ela é reconhecida como *Nicinha do Samba*, essa mulher dona de uma representação estética e artística, se reconhece enquanto samba, pois sempre cita que não foi ela que escolheu o samba, mas sim o samba que a escolheu. Quando ela nos diz “*eu não sei sambar, apenas vou amassando o barro*” é como se esse movimentos e gestos realizados por ela, não fosse apenas configurado como uma dança, e se como uma ressignificação de tudo que ela vivenciava. Como foi comentado no segundo capítulo, todos os aprendizados relacionados ao samba de roda pelo qual Dona Nicinha conhece, se deu a partir de suas experiências desde sua infância até chegar a toda essa representação que ela é, nos dias atuais, com o samba de roda.

4.2 ORALIDADE E ANCESTRALIDADE

Estes transmitem de geração em geração os saberes indizíveis mediante cantos, ritmos, danças mágicas, cujos significados as crianças intuem sem palavras, antes de serem pressionados nas formas e padrões linguísticos do seu tempo (DORING, 2016, p. 126).

A questão da oralidade pode ser entendida como tradição. As tradições populares devem ser preservadas para que possam ser transmitidas para as próximas gerações como fontes de experiências e mecanismos de estudo, pois a representação dessas tradições vai constituindo uma identidade e cultural de um povo e lugar. “A preservação criativa do samba depende de cada um/a, querer fazer parte desse legado, e dar continuidade ética e estética através do estudo, da convivência e da prática” (DORING, 2016, p. 19).

Outro desafio na preservação do samba de roda do recôncavo é despertar o interesse dos jovens por essa e outras modalidades de samba. Dona Nicinha relata que alguns jovens se interessam pelo samba de roda, mas muitos preferem ritmos atuais mais populares na Bahia.

Dona Nicinha mantém seus esforços em dar continuidade à tradição popular do samba de roda. Na sua família possui quatro gerações praticantes do samba de roda, sendo a primeira geração composta por Dona Nicinha, segunda geração (filhos) Guegueu (*in memoriam*) e Valmir, terceira geração (netos) Tiago e Gabriela e a quarta geração (bisneta) Alice, a mais nova do grupo, possui apenas dois anos de idade.

Petit (2015, p. 77) aborda conceito de ancestralidade como o princípio fundamental dos princípios e valores dos povos de matriz africana, e que também pode ser utilizado como símbolo da resistência dos povos negros do continente e/ou diaspóricos.

Ao executar danças de matriz africana, involuntariamente é feita uma conexão com a ancestralidade, o que nos remete aos tempos remotos onde a transmissão dos conhecimentos era realizada através formação de rodas, que eram executadas em qualquer lugar. A dança só pode ser compreendida através do convívio comunitário:

E é ai nesse convívio comunitário, e pelo movimento dançante, que a centelha do movimento ancestral é revivida sempre que ouvimos o apelo da vibração divina do coração pulsante que é o tambor, som primordial, escolhido para comunicação com as energias essenciais da natureza (PETIT, p.78).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se aqui a partir da trajetória de vida de Dona Nicinha, abarcar os aspectos intrínsecos que representam o que ela produz enquanto manifestação cultural, dos saberes e conhecimentos revelados através do samba de roda.

O samba de roda permite um resgate ancestral dos povos negros, aqui trazidos para o Brasil com finalidade serem utilizados como mão-de-obra, que mesmo com toda desumanização a qual foram impostos, não deixaram que fosse partido todos os seus princípios histórico, social e cultural. Essa manifestação cultural possui forte presença e atuação no Recôncavo.

O trabalho propôs visibilizar elementos da trajetória de Dona Nicinha que são invisibilizados, tais como essa trajetória histórica e fundamental para o recôncavo. Os levantamentos bibliográficos, além das observações participantes, as entrevistas, o estudo/vivência, que foram utilizados para dar suporte à reflexão sobre as riquezas que o samba atribuiu à trajetória de Dona Nicinha, trajetória essa, cheia de experiências e lições de vida.

As conversas com Dona Nicinha foram as principais fontes para a elaboração e sistematização do trabalho, para além das compreensões do samba de roda no recôncavo, com as temáticas sobre os aspectos filosóficos e estéticos desta manifestação. Portanto, o estudo/vivência do samba de roda, enquanto elemento fundamental na vida de Dona Nicinha, permitiu um despertar em relação aos caminhos percorridos por esse corpo, marcado por luta e resistência, originalidade ao modo de ser e ver o mundo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Paulo Ormino de. *Recôncavo: território, urbanização, e arquitetura*. In. CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima, Pereira, Cláudio (Org). *Baía de Todos os Santos: aspectos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- ARAÚJO, Nelson. *Pequenos mundos: um panorama da cultura popular na Bahia*. Tomo I: O Recôncavo. Salvador: UFBA/Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.
- BARRETO, Luciana. *Sambadores e Sambadeiras da Bahia*. Santo Amaro: ASSEBA, 2015.
- BIANCARDI, Emília. *Raízes Musicais da Bahia*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2000.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo. *Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/ Academia de Letras da Bahia/ UFBA, 1998.
- DORING, Katharina. *Cantador de chula: o samba antigo do recôncavo baiano*. 1. Ed. – Salvador, BA: Pinaúna, 2016.
- _____. *Samba Chula do Recôncavo Baiano*. Em Brasil Crioulo – Circuito 2006 (Sonora Brasil). Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2006, pp. 10-17.
- _____. *A cartilha do Samba Chula*, 2016.
- DORING, Katharina. BARRETO, Luciana. ROSARIO, Rosildo. GUMES, Scheilla (org.). *Mulheres do Samba de Roda*. Santo Amaro, 2015.
- GRAEFF, Nina. *Os ritmos da roda: tradição e transformação no samba de roda*. – Salvador: EDUFBA, 2015.
- _____. *Samba de roda: comemorando identidades afro-brasileiras através da performance musical*. Disponível em: <<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article173>>
- GONÇALVES, Renata de Sá e OSORIO, Patrícia Silva. *Dança e Culturas Populares*. ACENO, Vol. 1, N. 2, p. 12-24. Ago. a Dez. de 2014. ISSN – 2358-5587.
- LOPES, Nei. *A presença africana na música popular brasileira*. 2005, Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/050/50clopes.html>>
- MONTEIRO, Marianna F. M. e DIAS, Paulo. *Os fios da trama: grandes temas da música popular tradicional brasileira*. ESTUDOS AVANÇADOS 24, (69), 2010.
- PETIT, S. H. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Ancestral e tradição na Formação de Professora e Professores*. 1. Ed. Fortaleza: EDUECE, 2015. V. 1. 261p.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Civiliza. Brasileira, 1998.

SANDRONI, Carlos (Coord.). “*Samba de roda do Recôncavo Baiano*”. Brasília: IPHAN, 2006.

SI87. *Samba de roda do Recôncavo Baiano*. _ Brasília, DF: IPHAN, 2006. 216 p.